

## ‘COMO A EDUCAÇÃO SE FEZ CAMINHO?’: TRAJETÓRIA ACADÊMICA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Andressa Cristina Pereira Gardioli <sup>1</sup>

Fagner Carniel <sup>2</sup>

Renata Oliveira dos Santos <sup>3</sup>

Zuleika de Paula Bueno <sup>4</sup>

### RESUMO

O presente relato de experiência parte de uma inquietação que, de certa forma, sempre esteve intrínseca à minha formação acadêmica: *como a educação se fez caminho?* Durante o processo de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais fui convidada a refletir ativamente acerca dessa questão, através da construção de um memorial que examinasse aquilo que foi essencial a mim, como licencianda, na construção de uma possível identidade docente. Nesse processo, tornou-se evidente o protagonismo de políticas públicas de educação, como é o caso do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o desenvolvimento de projetos extensionistas e a atuação profissional viabilizada por parcerias entre universidade e instituições públicas, por meio de bolsas de estágio. Ademais, a partir de leituras e reflexões de autoras como Geni Vasconcelos (2000) e Sandra Mara Corazza (2021), compreendeu-se que a construção de um/a professor/a não está restrita aquilo que é entendido como formal, carregando, também, experiências que *escapam*, ou seja, aquelas que não dizem respeito ao currículo e passam despercebidas à investigação desatenta. Trata-se de vivências provenientes da dimensão subjetiva e singular do processo formativo. Assim, espera-se que o presente texto, de caráter qualitativo, fundamentado em estudo de caso e referencial bibliográfico, que o leitor, estando em formação ou já se constituindo docente, possa refletir os elementos que o/a forjam enquanto professor/a, na tríplice relação entre políticas públicas, universidade e escola.

**Palavras-chave:** Identidade docente, Políticas educacionais, Subjetividade.

### INTRODUÇÃO

A presente comunicação nasce da experiência vivenciada a partir da disciplina de Trabalho de Conclusão de Licenciatura, cursada no final do ano de 2025, sob orientação da Prof. Dra. Zuleika de Paula Bueno, no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, Universidade Federal do Paraná, [andressa.gardioli@ufpr.br](mailto:andressa.gardioli@ufpr.br)

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia, Universidade Estadual de Maringá, [fcarniel@uem.br](mailto:fcarniel@uem.br)

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Universidade Estadual de Maringá, [rosantos@uem.br](mailto:rosantos@uem.br)

<sup>4</sup> Doutora em Multimeios, Universidade Estadual de Maringá, [zpbueno@uem.br](mailto:zpbueno@uem.br)



No decorrer da disciplina fomos convidados, enquanto alunos em processo de formação, a construirmos um **memorial docente**. Sob orientação, compreendemos que documentos como o que estávamos produzindo eram recorrentemente utilizados na vida profissional docente, especialmente em concursos e/ou outras situações relacionadas à ascensão de carreira.

No entanto, para além da sua função burocrática, fomos, ainda, ensinados como o processo de escrita das nossas vivências e experiências carrega, em sua constituição, uma poderosa técnica de leitura do mundo e, conseqüentemente, sua compreensão. É assim, uma forma de sistematizar aquilo que se aprendeu, nomeando os fatores importantes e encontrando nas sutilezas - ou naquilo que não se enxerga em um olhar apressado - a centralidade do processo formativo docente. Sendo assim, o memorial em questão foi proposto como uma forma de articular as institucionalidades e subjetividades em um único *escrever*.

Ancorando a produção de nossos memoriais, partimos do conceito de *escreitura*, promovido por Corazza (2014), referindo-se a um movimento indissociável entre ler e escrever, no qual a leitura se realiza pela escrita e a escrita se constitui como um modo de leitura. Além disso, articulamos, também, esse entendimento às noções de *escrevivências* de Conceição Evaristo (2020), que enxerga na escrita uma possibilidade de incorporar o vivido e a memória.

Faz-se, também, necessário considerar que as experiências individuais e sociais estão interligadas e o ato de destrinchar as múltiplas identidades docentes - linguagens, gramaticalidades, temporalidades e territorialidades - consiste em uma forma de utilizar-se do recurso da memória para projetar um futuro diferente, sendo um convite ao fim da certeza, em um movimento de, em certa medida, esperar-se (VASCONCELOS, 2000, p. 10-11).

De forma pessoal, a construção de minha *escreitura-escrevivência* docente partiu, inicialmente, da indagação: como a educação se fez *caminho*? Em que momento a educação passou a ser considerada, por mim, uma possibilidade de vida? Em um processo de retomada da minha própria história, realizando um retorno à infância, ao lado de figuras familiares femininas que atuavam na docência e relembando as magias vivenciadas no cotidiano da escola, que aos poucos, me empurraram ao desejo de retornar à ela, como professora.

Depois de refletir a infância, o memorial segue em um relato acerca das experiências vividas dentro da graduação, onde destaco três passagens centrais: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o estágio remunerado no Centro de Ação Cultural



Márcia Costa de Maringá, vinculado a Secretaria Municipal de Cultura e o projeto extensionista Construindo a Cidadania nas Escolas.

Interseccionadas a essas experiências, destaco, também, noções que *escapam* à formalidade e se dão, justamente, no campo da subjetividade. Em uma determinada crônica, intitulada *Por não estarem distraídos*, Clarice Lispector transforma em literatura essa ideia. Ela apresenta personagens que, quando distraídos, sem expectativas ou pesar, são felizes e, a partir do momento que tratam com formalidade aquilo que experienciavam, passam a enfrentar desafios não calculados: “foram então aprender que, não se estando distraído, o telefone não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue” (LISPECTOR, 2018, p. 334)

Corroborando com esse princípio, é possível acionar a ideia de trabalho e formação docente para Corazza (2021), que compreende o ofício do/a professor/a como parte de um esforço *arquivista*, no qual, através de um processo de *tradução* (aquilo que se negocia a partir de uma matéria de origem) gera-se o *arquivo Docente*. Porém, existe para a autora, também, uma categoria de elementos não traduzíveis que escapam ao arquivista. Esses elementos são, para ela, tão importantes quanto os primeiros, visto que eles asseguram um espectro do *Arquivo* que está no âmbito do sonho e da poesia, rebeldes à formalização.

Sendo assim, foi preciso que eu tenha vivenciado distraidamente diversas e incontáveis trocas-diálogos-aprendizados-histórias não traduzíveis para que o presente memorial, em forma de relato de experiência, tenha se transformado em palavras. Distraidamente, ainda, relaciono tais palavras à leituras realizadas no decorrer de minha formação que partem de uma concepção emancipatória da educação, pensada por autores como Paulo Freire (1996).

Desejo, a seguir, uma ótima leitura daquilo que configura um *pedacinho* de mim.

## MEMORIAL DE FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

### Como a educação se fez *caminho*?

O universo educacional faz parte da minha realidade desde criança, quando ainda não era uma preocupação qual profissão seguir ou a qual ofício me dedicar. Cresci dentro da escola, não apenas na posição de aluna, como também sendo *ajudante*, *assistente* e, até mesmo, *estagiária* oficial de minha mãe, que atuou durante toda sua trajetória profissional como professora.



Vivenciar uma infância rodeada de professoras/es, participando de incontáveis conselhos de classe, horas-atividades, intervalos na *temida* sala dos professores, tardes correndo e brincando pelos pátios e corredores da escola, dias infinitos viajando pelos livros e prateleiras da biblioteca, resultou em uma relação de extrema admiração e proximidade com a docência. Eu tinha apenas uma certeza, não havia outra saída, eu seria professora.

Conforme fui crescendo, a admiração e a proximidade cresceram junto. As disciplinas ofertadas na escola foram aumentando e, aos poucos, fui descobrindo paixões que estavam escondidas. A primeira paixão que, nesse enorme *esconde-esconde*, não escapou de minha procura, foi a História. Ainda no Ensino Fundamental me encantei pela disciplina que estudava o passado e que, a cada aula, me apresentava uma nova *aventura* a ser explorada e descoberta.

Depois, já no Ensino Médio, novos integrantes passaram a compor a *brincadeira* e, como na literatura romântica que narra amores à primeira vista, conheci a Sociologia. Para mim, a Sociologia era a disciplina mais legal da escola. Ela me convidava a refletir sobre a realidade que me cercava, as dinâmicas sociais e a política. Foi a partir da Sociologia que adentrei o universo dos movimentos sociais, como o feminismo, e me consolidei como um indivíduo verdadeiramente pensante e crítico.

Quando cheguei ao último ano do Ensino Médio, vivenciando a pandemia de COVID-19, passei a experienciar uma série de angústias. Algumas dessas angústias são próprias e recorrentes aos alunos que estão concluindo a formação básica, abrangendo medos e inseguranças em relação ao futuro. Outras, talvez fossem particulares ao contexto, envolvendo uma determinada ânsia pela oportunidade de viver livremente, em um mundo onde a preocupação constante com um vírus mortal fosse passado.

Nesse processo de angústias, prestei diversos vestibulares e, entre eles, fui aprovada em **Licenciatura em Ciências Sociais**, na Universidade Estadual de Maringá. Escolher ingressar neste curso significava, para mim, uma dupla alegria: a oportunidade de atuar como professora na disciplina que tanto me empolgava - Sociologia - e um meio para efetivar minha mudança para a cidade de Maringá, que ficava a cerca de 1h do município em que vivi e cresci, suprimindo a ânsia pelo viver que tanto me assolava.

Passar a ser uma *aluna de Ciências Sociais*, não sei se por (des)acerto do destino ou por consequência de um certo *empurrãozinho* meu, me aproximou ainda mais da escola. Toda minha trajetória como acadêmica, cientista social em formação e *futura* professora de sociologia foi atravessada pelo ambiente escolar e por questões envoltas à educação. Ainda bem.



### **Experiências que carrego comigo:**

A minha experiência com o início da graduação em Ciências Sociais foi turbulenta. Tudo representava uma novidade para mim. Eu ainda não dominava os signos e a linguagem da academia - até hoje me questiono se os domino. Havia dedicado a vida aos estudos, sendo uma aluna aplicada e interessada, no entanto, na universidade, todo esforço parecia insuficiente. Eu dedicava meu dia ao trabalho, cumprindo horário comercial e, durante a noite, me esforçava para estudar. Vivia constantemente exausta e, em partes, me sentindo injustiçada. A sensação de injustiça vinha do desejo de ler, estudar e acompanhar ativamente os assuntos e debates que tanto me interessavam, somado ao impedimento, inclusive físico, de conseguir efetivar esse desejo.

Na metade do primeiro ano, ouvi falar pela primeira vez do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. O programa estava com inscrições abertas e adentrá-lo poderia significar, para mim, um contato com aquilo que eu amava - a educação - e a oportunidade de abandonar a dupla jornada trabalho-graduação que me adoecia. Não pensei duas vezes e me candidatei a vaga. Consegui entrar no projeto e, a partir deste momento, abracei totalmente o caminho.

O PIBID representou minha primeira (re)aproximação à escola. Iniciei as observações em 2022 e, a partir daí, tive contato com um cenário surpreendente. Havia um lapso temporal minúsculo entre minha saída da escola - como aluna - e meu reingresso - como *futura* professora - porém, mesmo com esse curto espaço temporal, eu já conseguia notar diferenças tremendas, que se davam a partir da soma de vários fatores, alguns de cunho geográfico, por ser uma outra cidade, maior e mais populosa, outros de cunho político, demonstrando, na prática, as consequências das medidas adotadas pelos governantes durante o período.

Os alunos não utilizavam mais livros didáticos, que eram tão comuns a mim, os conteúdos que deveriam ser ministrados nas aulas eram enviados pela Seed-PR (Secretaria de Estado da Educação do Paraná), com materiais prontos e engessados. Ouvia, semanalmente, os relatos da professora que acompanhava sobre as cobranças realizadas pelo Núcleo de Educação em relação ao cumprimento dos planejamentos estipulados. Aos poucos, estas questões passaram a me inquietar.

Além disso, 2022 foi o primeiro ano de implementação gradual do Novo Ensino Médio no Paraná, o que representou um universo completamente inusitado para mim. Itinerários? Turmas de humanas? De exatas? Diminuição da carga horária básica? Foi este



contexto que passou a permear meu dia a dia e ser alvo de investigação através das leituras e debates realizados no PIBID e nos eventos acadêmicos relacionados à educação.

No entanto, ao lado da inquietação e dos debates críticos, tão próprios às Ciências Sociais, minha (re)aproximação à escola, neste momento, também representou tamanho entusiasmo e alegria. Passei a me apaixonar pela dinâmica da escola. Enxergo o ambiente escolar como um universo à parte, desconectado e conectado ao mesmo tempo com o restante do mundo, por mais contraditório que isso soe.

*Desconectado* por ser um local onde os sonhos, o ócio e o brincar, contrapondo todo ataque mal intencionado, ainda resistem. E, ao mesmo tempo, *conectado* por não deixar de reproduzir as violências e problemáticas sociais em seu entorno. Por ser um universo à parte, a escola carrega suas próprias dinâmicas, conflitos, organizações, eventos e fantasias. Estar ali, fazendo parte daquilo, me fez vislumbrar um futuro possível e desejável: **ser professora**.

Os meses subsequentes, recheados de discussões no PIBID, visitas à escola e disciplinas da licenciatura reafirmaram, cada vez mais, esse futuro. Entre as propostas realizadas no PIBID durante o período, me recordo, com tamanho carinho, da atividade voltada à colagem que realizamos. Ela consistia em um exercício de reflexão sobre o passado escolar, contrapondo com àquilo que imaginávamos no futuro, atuando na docência. Na época, encerrando um texto excessivamente longo que apresentava todas as memórias mobilizadas na produção de minha colagem, escrevi:

Quando meu ciclo com a Universidade Estadual de Maringá tiver encerrado eu vou ter, enfim, aprendido a “crescer e desobedecer” como suas paredes me dizem e estarei pronta para experienciar tudo que os novos ambientes de corredores diferentes uns dos outros, salas de aulas, bibliotecas, ginásios, refeitórios tem a me oferecer, agora não mais como aluna, mas sim como professora, buscando ser o exemplo que um dia foram à mim.

Lendo o trecho em questão, torna-se perceptível a mim o carinho, desde aquele momento, que possuía pela escola e meu anseio em ser professora, que vinha a crescer e crescer, graças ao PIBID.

Nesse momento, além do programa, eu havia ingressado em um estágio remunerado no Centro de Ação Cultural Márcia Costa de Maringá (CAC), onde realizava um trabalho administrativo - outra forma de dizer que eu fazia tudo que fosse preciso, desde cuidar das redes sociais, até contribuir com a organização pedagógica.

O CAC, pertencente à Secretaria Municipal de Cultura de Maringá, é uma escola de arte, com um pouco de museu e centro de eventos embutidos nele também. Ter essa primeira experiência com o centro, apesar de me afastar de alguns caminhos que nunca conhecerei, foi



crucial para o meu desenvolvimento como profissional, aprimorando minhas habilidades interpessoais.

Enquanto vivia essa rotina, surgiu uma nova oportunidade na universidade: ingressar em um Projeto de Extensão chamado *Construindo a Cidadania nas Escolas*. Me inscrevi no processo seletivo e, após a aprovação, decidi me desvincular do CAC - porém me mantive como voluntária no PIBID - para atuar em minha área de formação. Hoje, sou extremamente grata a mim por ter tomado essa decisão. A extensão universitária, nesse momento, foi crucial para dar fôlego, ainda mais, à minha paixão pela licenciatura, além de corroborar com às inquietações em relação ao cenário educacional que havia percebido em meu primeiro contato com a escola.

Com esse projeto, passei a experienciar, ao lado de outros alunos de Ciências Sociais, Artes Visuais e Direito, a realidade de oito escolas estaduais de Maringá. Mensalmente realizávamos visitas nas escolas, apresentando aos alunos temáticas pertencentes ao universo da política e cidadania. Nesses contatos, conseguimos observar um cenário que, apesar de complexo em diversos momentos, era rico e cheio de alunos/as interessados/as que nos proporcionavam trocas entusiasmantes.

Foi esse contexto, também, que me aproximou de outros graduandos, tão apaixonados quanto eu, pela licenciatura. Talvez pela identificação ou, quem sabe, por um certo *gracejo do destino*, essas pessoas tornaram-se elos seguros para trocas de perspectivas, preocupações e, principalmente, *sonhos*.

Ao fim do *Construindo a Cidadania nas Escolas*, retornei ao meu estágio no CAC, novamente na área administrativa e, aos poucos, algumas oportunidades de atuação docente começaram a surgir, onde passei a ministrar oficinas artísticas utilizando técnicas de colagem, relacionando-as à política, de escrita criativa e, até mesmo, oficinas infantis que mobilizavam atividades do universo das Artes Visuais, unidos à Literatura e à Sociologia. Essas experiências foram importantes, também, para minha construção como professora, visto que as trocas e conversas vivenciadas nas salas de aula do CAC me permitiram compreender como sou e almejo ser na atuação docente.

### **Ensinar como guia (ou, devo dizer, *caminho?*):**

Assim como minha vida pessoal, desde a infância, foi marcada pela educação, a minha trajetória acadêmica, como testemunhado até aqui, também. Seja no PIBID, na extensão universitária, no CAC, nos diversos eventos acadêmicos, palestras, rodas de conversa, no estágio obrigatório, nas disciplinas da licenciatura ou, até mesmo, nos cafés e conversas com



professores/as nos intervalos das aulas, **estudar, pensar e viver o ensinar foi um verdadeiro guia.**

É triste, no entanto, experienciar essa vivência acadêmica tão bem alinhada à licenciatura e seguir acompanhando o noticiário durante esses anos. Respirar fundo e ignorar as problemáticas envoltas a um cenário de adoecimento docente, ataque à Sociologia e alterações nas dinâmicas escolares soa, inclusive, desleal aquilo que acredito e ao ambiente que formou minha crença na educação.

Aprendi com Paulo Freire - e todos os/as professores/as que engrandeceram minha formação - que educar é também lutar pela educação:

A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte (FREIRE, Paulo. 1996, p. 34).

Por isso, sigo firme e resiliente, com a paixão no peito de quem sabe que tomou a decisão certa, **me tornando professora** e, também, intrinsecamente, **defensora da educação.**

## CONCLUSÃO

A partir da leitura do memorial posto, é possível - e necessário - voltar o olhar a um ponto central que atravessa minha trajetória acadêmica e formação enquanto docente: o papel das políticas públicas de valorização e incentivo à docência. A articulação entre estágios, projetos de extensão e o PIBID assumiram um papel ímpar para que o interesse, paixão e compreensão de, como sugere Vasconcelos (2000), um futuro possível além das certezas, fosse deslumbrado.

Além disso, é fundamental considerar que a identidade docente é formada por múltiplos fios - relações familiares, de classes, condições de gênero, características relativas à idade, etnia, religiosidade, cidadania e outros (VASCONCELOS, 2000, p. 12) - cuja compreensão requer sensibilidade. Nesse sentido, o exercício de construção do memorial docente para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Licenciatura, fez-se importante para que fosse possível reunir experiências que formaram a profissional que sou e estou me tornando. Experiências tecidas e costuradas a partir de diferentes técnicas e fragmentos.

Destaco, por fim, a importância de voltar o olhar às próprias práticas e o processo formativo vivenciado, inclusive nas experiências distraídas, por mais longínquo que soe na memória, para que se possa ler-escrever o mundo, abrindo-se à construção de futuros possíveis - sempre inacabados, em transformação.



## REFERÊNCIAS:

CORAZZA, Sandra Mara et al. **Escrileituras**: um modo de ler-escrever em meio à vida. Educação e Pesquisa, v. 40, n. 4, p. 1029–1043, out. 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. **O sonho da docência**: fantástico tear. Pro-Posições, v. 32, p. 1-29, 2021.

EVARISTO, Conceição et al. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, v. 1, p. 26-46, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LISPECTOR. Clarice. **Todas as Crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

SANTOS, Gildenir Carolino. **Roteiro para elaboração de memorial**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005.

